

Resenha

Letra, voz e imagens em movimento: o nordeste popular na biografia do Cego Aderaldo

Cláudio Cledson Novaes
Universidade Estadual de Feira de Santana

CARIRY, Rosemberg. *Cego Aderaldo – O homem, o poeta e o mito*. Fortaleza: Interarte/Casa de Saberes Cedo Aderaldo, 2017.

A leitura do livro *Cego Aderaldo – O homem, o poeta e o mito*, de Rosemberg Cariry nos remete à forma como as referências eruditas e populares são mobilizadas pelo biógrafo para narrar/reconstruir a vida do seu personagem. Vários aspectos conhecidos e desconhecidos da cultura popular do Nordeste são flagrados nesta obra, o que nos despertou na leitura da biografia literária um diálogo com o trabalho cinematográfico também realizado pelo mesmo Rosemberg Cariry sobre o mesmo mítico poeta da literatura popular brasileira.

Atendendo ao convite para participar da mesa **Saberes do Sertão**, no *II Encontro de Artes, Culturas e Saberes dos Sertões*, na Casa de Cultura Cego Aderaldo, Quixadá, Ceará, retomamos a resenha e problematizamos alguns aspectos dos muitos desdobramentos que a pesquisa de Rosemberg Cariry proporciona ao leitor no entendimento da dimensão singular e plural da vida e obra do seu personagem.

A composição da narrativa biográfica da literatura ao cinema nos dá a configuração identitária múltipla do personagem, o que o autor da pesquisa singulariza na forma de emblema do sertão brasileiro. O cenário histórico, geográfico, cultural e político-econômico do território real e imaginário que emoldura o personagem da pesquisa é apresentado, tanto no filme quanto no livro, a partir de fundamentos sobre aspectos das ancestralidades culturais do Nordeste popular, assim como seus desdobramentos na modernidade e na contemporaneidade da arte brasileira, o que torna a percepção da cultura nordestina emblemática e dinâmica, para além dos estereótipos românticos nacionalistas.

Apenas para ilustrarmos o que significa a potência do dinamismo da cultura representada na escritura biográfica do filme e do livro de Rosemberg Cariry sobre o Cego Aderaldo, recortamos exemplos da percepção do pesquisador que ultrapassam a dimensão objetiva da vida do seu biografado; como é o caso da sessão do livro denominada “três acontecimento do ano de 1896”, que consta da primeira parte da biografia, que é intitulada *O homem e o mito*. Num estilo de escrita rápida e visceral Rosemberg Cariry realiza o cruzamento simbólico de três fatos históricos que ganham a dimensão de inter cruzamentos memorialísticos; a descrição destes fatos pode parecer a celebração de particularidades da vida num contexto de generalizações históricas, mas, simbolicamente, a través da reescritura da memória destes fatos, o biógrafo vai além da simples dicotomia: a pesquisa cita a cegueira repentina do poeta; a trágica Guerra de Canudos e a chegada do cinema ao Brasil, como acontecimentos simultâneos no ano de 1896, suscitando ao leitor imagem no mínimo curiosa nesta interações do sujeito com a história.

Cariry faz a conexão entre os três fatos históricos sem recorrer à hierarquia na composição da biografia do poeta popular, pois os acontecimentos são articulados de maneira reconfigurar elementos do imaginário coletivo na vida e obra individual do poeta, o que biógrafo apresenta ao leitor como experiências vividas conscientes ou inconscientemente pelo sujeito biografado. Os três acontecimentos são emblemáticos no ano de 1896, mas são relativamente distantes e próximos da vida do Cego Aderaldo, o que desperta no leitor da biografia uma curiosidade sobre esta imaginação luminosa que aproxima o fogo da guerra e o clarão do cinematógrafo da cegueira repentina que redefine

o nome próprio do poeta. A primeira imagem, a da guerra de Antonio Conselheiro, pode ser lida como farol nos confins da cegueira do fanatismo, iluminando as contradições da jovem nação republicana numa guerra que desvela uma sociedade tragicamente cindida; a segunda imagem, a chegada da invenção dos irmãos *Lumières* ao Brasil, tem o cinema como a ilusão da imagem em movimento como uma verdade produzida pela técnica, como se fosse a forma inumana de superar a limitação e fragilidade do olho humano; e a terceira imagem, a da própria cegueira adquirida por Cego Aderaldo neste ano de 1896, torna-se o legado de sua vida que é incorporado a sua existência imemorial ao rebatizar seu nome próprio.

Na biografia, o autor questiona o caráter repentino ou não da cegueira do poeta, a partir dos dados levantados com entrevistados; de qualquer forma, paradoxalmente, ao perder os olhos abre-se outra tipologia do olhar na poesia popular do Cego Aderaldo, o que fará dele o poeta maior representante da cultura popular do Nordeste brasileiro, mais um a espelhar a tradição dos poetas antigos que perderam a visão para melhor vê.

A narração cruzada dos três fatos dá a concepção dinâmica e contemporânea do gênero biográfico, pois a biografia, como a define Pierre Bourdieu, é uma espécie de contrabando de gêneros discursivos no campo das ciências sociais, como a etnografia, a antropologia, a sociologia, história, etc.; e também no campo das artes, como a literatura e o cinema. Segundo este sociólogo, como se diz no senso comum, a “vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história.” (BOURDIEU, 1996)

A noção de objetividade e de factualidade científica esperada da biografia é ilusão, mas, como assegura Pierre Bourdieu, nem por isto biografar é impossível, quando se percebe que o importante da vida dos personagens são os sentidos em movimento que a própria biografia como narrativa consegue dá através da escritura, que leva o objeto de uma posição a outra, de lugar ao outro, de um tempo ao outro. Para interpretar a trajetória singular do poeta popular sob o prisma da ilusão biográfica, Rosemberg Cariry promove em seu livro e filme uma *bricolage* de situações históricas de épocas diferentes; de tradições culturais plurais e de matrizes cultas e populares; de obras de arte de várias linguagens, do cinema à música, passando pela literatura, pelo teatro e por outras diversas formas artísticas e performáticas.

No cruzamento caudaloso das culturas ibéricas, afros e indígenas reprocessadas no Nordeste brasileiro, Cariry constrói um diálogo real e imaginário, global e local, para inserir a potência simbólica do mito representado na vida e obra do Cego Aderaldo. A encenação de diversos contextos culturais, de vários filmes, de composições musicais variadas em diálogo com a trajetória do biografado torna o poeta popular um emblema da subjetividade cultural múltipla do Nordeste. Desta forma, o Cego Aderaldo das biografias literárias e fílmicas de Cariry transcende da condição objetiva mais comum e humilde da vida e luta pela sobrevivência, para ser o sujeito da memória coletiva que supera a contradição da arte popular capturada pela indústria cultural, para se tornar uma das imagens mais importantes no panteão dos símbolos e mitos da cultura nordestina.

Na biografia realizada por Rosemberg Cariry percebemos que a arte desestabiliza as hierarquias sociais, como diz Terry Eagleton (2011) ao problematizar a ideia de cultura para além da racionalidade prática da modernidade; Eagleton afirma que o mais importante no campo simbólico da arte não é o indivíduo civilmente identificado, nem mesmo suas obras em si, mas a maneira como são coletivamente interpretadas. A pesquisa de Cariry, ao interpretar a performance da vida e obra do Cego Aderaldo como um caudal de cruzamento de referências históricas, memórias e culturas, realiza exatamente o que conclui Eagleton sobre a natureza ética e estética das obras de maior

importância simbólica: são as que desvelam a necessidade primordial do humanismo; e as que podem resistir aos tempos de intolerância cultural, como este momento que vive o país... A linguagem performática da biografia do Cego Aderaldo nos leva a perceber como a arte popular é uma espécie de magia que reestabelece significado original do mundo no cenário histórico, cultural e artístico nordestino e brasileiro do passado ao contemporâneo.

A biografia escrita por Rosemberg Cariry sobre o Cego Aderaldo articulada ao filme *Cego Aderaldo – o cantador e o mito* em diálogo com outras produções artísticas e referências teóricas e críticas, permite ao leitor e espectador observar as possibilidades do gênero biográfico individual como resgate da memória cultural coletiva, o que significa uma potência micropolítica da narrativa, quando o pesquisador da cultura brasileira acena aos leitores como um otimista diante do cenário político, cultural, econômico e ético desanimador. A vida e a obra do poeta popular é uma narrativa da esperança e da superação; a celebração da vida é um ato de paz e de resistência, seja nas obras biográficas ou no evento sobre os saberes do sertão, organizado pelo mesmo Rosemberg Cariry, para discutir a persistência do legado do poeta popular cearense, nordestino, brasileiro, universal, evidenciando uma redenção da cultura pela leitura.

As biografias de Rosemberg Cariry sobre Cego Aderaldo chegaram as minhas mãos em momentos diferentes, mas ambas como um presente grandioso: o livro me apresentou pela primeira vez alguns fatos sobre o poeta e me lembrou outros já conhecidos no filme. O compêndio biográfico reúne de forma muito bem apresentada relatos escritos e iconografias do/sobre o Cego Aderaldo, coisas sabidas e outras pouco conhecidas, mesmo pelos pesquisadores acostumados com as referências sobre o tema. Como diz o biógrafo, na apresentação da sua pesquisa, o livro é um roteiro inicial para futuros trabalhos que possam confirmar, corrigir e ampliar os fatos e as reflexões sobre o poeta popular cearense, mas o trabalho de Cariry é incontornável para os estudos sobre a cultura popular do Nordeste.

O cineasta e escritor é modesto, ao definir sua obra como pequena contribuição, pois o livro vale a pena ser lido não somente pela beleza gráfica de quase 800 páginas magnificamente ilustradas, mas também pela consistência da pesquisa. A escrita é equilibrada entre a informação erudita e a percepção sensível sobre a vida e a obra do menestrel popular. Rosemberg Cariry, para além de ser um dos maiores realizadores de cinema brasileiro da gloriosa geração de cineastas nacionais dos anos 1960-1970, que ressignificou o cinema brasileiro sobre o Nordeste popular, ele é também um exímio pesquisador da cultura e catalogador da memória nordestina em vários outros registros.

O livro de Cariry traz ao leitor a cronologia da vida do poeta nordestino, mas também traz um tempo da memória cultural brasileira, através de documentos escritos e iconográficos de e sobre Cego Aderaldo, mapeando criticamente o contexto linear e os cortes e montagens da cultura popular que enquadram a vida do poeta. Rosemberg dialoga com saberes de diversas matrizes, compondo uma cartografia cultural nordestina, para localizar o espaço do poeta e deslocar no tempo da leitura o seu personagem biografado. Neste sentido, enquanto a concretização gráfica da pesquisa se apresenta na bela brochura do livro, a representação abstrata do sujeito da arte e da cultura é feita de maneira não menos bela, compondo uma micropolítica cultural que transforma a invisibilidade do poeta numa presença fundamental e ainda contemporânea como registro identitário do Nordeste.

O biógrafo representa o poeta popular na forma gráfica da escrita e na imagem em movimento, encenando informações memoriais e imemoriais singulares da cultura popular. O documentário e biografia se contrapõem com a invisibilidade na qual quase

sucumbem os mitos populares, como o Cego Aderaldo, seja por falta de políticas culturais consistentes, seja por amnésia cultural dos leitores. O processo de visibilidade realizado por Cariry é diferente do mero resgate de elementos identitários recalçados, pois afasta da narração a singularidade como estereótipo. Conforme Felix Guattari e Suely Rolnik afirmam, sobre as cartografias que expressam mais desejos do que mapas, a escritura singular não tem nada a ver com romantizar a identidade, mas sim descrever “a maneira como a gente respira, como a gente tem ou não tem vontade de falar, de estar aqui ou de ir embora...” (1996, p. 69).

Escrever uma biografia como atitude micropolítica é apreender e aprender com a inspiração e a respiração do biografado, e não apenas descrever objetos como provas coletadas sobre o itinerário de uma vida. O livro de Cariry, antes de chegar propriamente à vida do Cego Aderaldo, percorre uma geografia cultural que inspira as interpretações do Nordeste, apresentando aspectos que vão desde os tempos áureos da civilização medieval magrebina no território ibérico, e da reconquista pela Europa moderna, passando pelos processos de expansões coloniais, como num processo de *bricolage* a pesquisa desagua nas singularidades das heranças brasileiras nordestinas que preservam estes legados através da poética popular.

Assim como no livro, a narrativa fílmica do documentário sobre o Cego Aderaldo, ao invés de simplesmente documentar um itinerário histórico do poeta singulariza a trajetória poética e existencial de um homem multimídia e popular. A sequência inicial de abertura do filme traz a citação cinematográfica do manifesto do “cinema-olho”, de Dziga Vertov, como é conhecido o cineasta russo nascido na Polônia, que tem como nome de batismo Denis Arkadyevich Kaufman. O manifesto deste cineasta do primeiro cinema experimentava formas do cinematógrafo imitar a vida, e, por meio da câmera, buscava transmitir sensações vivas ao espectador. Neste sentido, o filme de Cariry sobre o Cego Aderaldo promove um paradoxo fundamental. Ao atribuir semelhança do olho cinematográfico que tudo vê ao olhar do cego que não enxerga, a imagem promove um jogo de espelho que aproxima o poeta cego do potencial olhar mecânico da máquina.

Ao definir o “filme olho” como suplemento da visão e enxergar mais sensivelmente o cotidiano, Vertov pode ser relido nesta aproximação feita por Cariry entre o cineasta russo e o poeta nordestino cego e mercador, como se ambos fossem mercadores de sonhos. O Cego Aderaldo percorria os caminhos do Nordeste com mercadorias que abasteciam o interior do sertão, e uma delas era exatamente a exibição dos sonhos do cinema nos filmes levados por ele e exibidos de forma mambembe em feiras de pequenas cidades; na outra ponta da aproximação feita por Cariry, o que mais tinha valor na teoria da linguagem do cinema vertoviana era a montagem, pois é este recurso que aproxima as vidas individuais separadas no tempo e no espaço (como o poeta da imagem russo e o poeta oral popular nordestino) poderiam ser aproximadas pelos sentidos, como na engrenagem da escrita textual e da montagem cinematográfica de Cariry, que, ao aproximar dois olhares diferentes recupera subjetividades históricas, estéticas e culturais opostas no tempo e no espaço.

A biografia escrita por Cariry não é um livro para se ler e guardar na estante, tanto pela beleza gráfica já comentada, quanto pelo fabuloso mundo popular de Cego Aderaldo apresentado na escrita. A obra narra a vida do Cego Aderaldo como uma espécie de lenda popular e “sagrada”, portanto é possível consultar o livro como um repositório da memória, que a todo momento traz novos indícios de uma vida em processo de eternização. Conforme já trouxemos acima, a definição de biografia por Pierre Bourdieu, afirma que ao escrever sobre uma vida o sujeito narrado deve ser apresentado como a

própria narrativa; é assim também na ficção dos grandes livros que os personagens ganham vida autônoma.

Quanto a esta natureza da grande obra, lembramos aqui da brincadeira que gostava de repetir a professora e amiga Jerusa Pires Ferreira, uma das maiores pesquisadoras sobre a cultura popular do Nordeste. Quando ela queria sugerir a força simbólica de uma obra, como vemos na biografia escrita por Cariry, ela definia sugestivamente o grande livro como aquele que “fica em pé”.

O enfoque no caráter mítico do poeta popular pode levar leitores a perceber no livro alguns aspectos aparentemente românticos e folclorizados, mas é neste ponto que o livro ganha mais força para “ficar de pé”. Rosemberg Cariry assume o tom de exaltação da herança da *idade de ouro* ibérica no sertão, localizando no Nordeste brasileiro o coração árabe, ou ainda fazendo uma incursão interpretativa da cultura popular nordestina pelo crivo do regionalismo e do luso-tropicalismo que relembra a obra de Gilberto Freyre. O biógrafo sabe muito bem das ferramentas que está mobilizando para recompor os traços românticos da interpretação cultural em uma configuração contemporânea do personagem; ele escolhe o melhor de cada uma destas interpretações da modernidade para propor outro olhar sobre o que aprendemos a conceituar tradicionalmente como cultura popular nordestina, que só pode ser compreendida a partir da consciência de que a região é uma construção discursiva; mas que há também o território cultural da memória crivado por singularidades e que se define por contraste não hierárquico diante de outras expressões culturais.

Rosemberg Cariry no prefácio do livro relata sobre a sua formação cultural barroca da juventude, apontando como ela foi construída dos românticos tardios e dos poetas populares da região do cariri cearense associada aos estilos dos escritores modernistas mais universais, como Manuel Bandeira e Carlos Drummond, confirmando assim que o ritmo da sua linguagem artística e de pesquisador incorpora os tons e as toadas dos contadores de feiras e as baladas dos Beatles, passando pelas agitações da MPB e do cinema nacional-popular. Para justificar como esta mistura sem preconceitos está na base da escrita da biografia neobarroca do Cego Aderaldo, o biógrafo recorre ainda ao filósofo da cultura contemporânea Jacque Rancière, para nos apresentar o conceito de “partilha do sensível”, como uma das suas estratégias de leitura da diversidade, da experimentação e da descoberta, que, para ele, traduz a necessidade de compartilhar com o leitor a importância do poeta cearense biografado no contexto histórico e cultural artístico e mítico brasileiro, mas que pode ser inserido no movimento da cultura ocidental.

O texto da biografia se organiza com um prefácio explicativo e um suplemento crítico sobre este “caldo cultural” que envolve o poeta mítico nordestino; em seguida a obra está dividida em 3 partes: a primeira, *O homem e o mito*, que contém descrições e vasta ilustração dos momentos da vida e obra do poeta popular Cego Aderaldo, dividindo esta trajetória em Ato I, Ato II e Ato III, todos os atos contendo informações e imagens relativas aos fatos e fantasias do poeta recriados na imaginação sertaneja. A segunda parte do livro traz uma nota do organizador e um elenco de textos escritos e gravados do e sobre o biografado; e ainda informa sobre outros textos atribuídos ao poeta pela mitologia da poesia popular do Nordeste. Na terceira parte, o livro encerra a narrativa com a cronologia de fatos e acontecimentos, que têm alguma pertinência com a região geográfica e imaginária do Cariri cearense, terra de nascença, crescimento e aprendizado do Cego Aderaldo.

Por fim, ao folhearmos as páginas do livro *Cego Aderaldo, O homem, o poeta e o mito* encontramos, cuidadosamente anotados textos, fotografias e outras matizes iconográficas que nos fazem reconhecer a trajetória humana, cultural e artística do

biografado e ainda nos informa sobre a história social, política e cultural brasileira da época, através de inúmeros outros personagens, como artistas eruditos e populares, que mesmo em outros momentos históricos refletem a obra de Cego Aderaldo. O livro apresenta políticos e cantadores, gente humilde e senhores e senhoras importantes que entraram em coexistência temporal, ou em outras épocas remetem ao poeta popular biografado. São acontecimentos reais e imaginários transcritos pelo biógrafo de fontes jornalísticas, assim como indica criações poéticas gravadas em letras e músicas por diversos artistas brasileiros, ou mesmo as cantorias e pelejas mantidas pela oralidade no anonimato do sertão até a atualidade: Cego Aderaldo vive!

De lampião a Glauber Rocha; de Zé Pretinho a Nara Leão, o livro e o filme de Rosemberg Cariry nos mostra um poeta popular de grande envergadura que simboliza a versão brasileira e sertaneja do mito de Homero, o poeta cego da Grécia antiga. Ao final do livro, o biógrafo apresenta um referencial bibliográfico consultado, salientando como um personagem desta dimensão ainda é quase invisível para maioria da população brasileira e, relativamente, ausente na memória cultural do Ceará. O biógrafo aponta com espanto o descaso das políticas culturais públicas (salvo curtos períodos de uma ou outra gestão de governo mais engajada com os anseios populares) que, na maioria das vezes, despreza projetos como o desta biografia. A resistência de projetos como este redime a desesperança dos leitores, dos espectadores e dos admiradores da cultura popular brasileira, que ainda aguardam outros estudos desta magnitude sobre muitos outros mitos populares, seja na forma do livro primoroso ou do filme revelador que Rosemberg Cariry nos presenteia sobre a vida e a obra do mítico poeta do Ceará.

Referências:

- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Unesp, 2011.
- GUATARI, Félix, ROLNIK, Suely Rolnik. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, Vozes, 4a ed. 1996.

Autor:

Claudio C. Novaes. Professor do Departamento de Letras de Artes da UEFS, tem Mestrado em literatura (UFBA), e Doutorado em Ciências da Comunicação (USP), com Estágio de Pós-Doutorado em Comunicação (UFRJ); é membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Progel/UEFS.
E-mail: ccnovaes.uefs@gmail.com